
Livro-reportagem acadêmico narra as memórias de três jornalistas de Rondônia

Andressa Vassilakis¹
Sonia Regina Soares da Cunha²
Thales Henrique Nunes Pimenta³
Universidade Federal de Rondônia UNIR

Resumo

Este artigo apresenta o processo criativo e de produção do livro-reportagem *Memórias de quem escreveu a história: a trajetória dos comunicadores pioneiros de Rondônia*, um Trabalho de Conclusão de Curso, escrito em linguagem de jornalismo literário, para o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A coleta dos dados para a escrita do trabalho utilizou os métodos de revisão de literatura e entrevistas semiestruturadas (presencial e online). A obra apresenta as narrativas experienciais de três jornalistas: Sara Duque Estrada, Paulo Ayres e Montezuma Cruz que, com coragem, resiliência e um compromisso inabalável com a verdade, lançaram as bases para o jornalismo regional do Norte do Brasil, como instrumento de preservação cultural e transformação social.

Palavras-chave: livro-reportagem; história da mídia; jornalismo pioneiro da região Norte do Brasil; história da imprensa de Rondônia; Jornalismo UNIR.

Introdução

Ao pesquisarmos sobre a mídia rondoniense podemos considerar que o tema ainda é pouco estudado, conforme destaca Colferai (2010, p. 1): “O cenário de comunicação social em Rondônia foi, até o momento, motivo de pouca e esparsa atenção de pesquisadores da área. Praticamente não há publicações que tenham meios de comunicação do estado como foco”. Diante desse cenário surgiu o projeto experimental de criação e elaboração do livro-reportagem *Memórias de quem escreveu a história: a trajetória dos comunicadores pioneiros de Rondônia*, escrito em linguagem de jornalismo literário, e apresentado, defendido e aprovado em 13 de junho de 2025, com nota dez (10,0) como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A obra apresenta as narrativas experienciais

¹ Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Rondônia (DACOM UNIR). E-mail: andressavassilakis@gmail.com

² Orientadora. Profa. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente no Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Rondônia (DACOM UNIR). E-mail: reginacunha.phd@gmail.com

³ Coorientador. Prof. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Docente no Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Rondônia (DACOM UNIR). E-mail: thales@unir.br

de três jornalistas: Sara Duque Estrada, Paulo Ayres e Montezuma Cruz e busca contribuir para o registro da história do jornalismo rondoniense.

História da Imprensa em Rondônia

Nos primeiros anos da criação do estado de Rondônia (Brasil, 1981), início dos anos 1980, os jornais impressos e o rádio eram os únicos veículos de comunicação brasileiros à disposição do público. Os jornalistas, por sua vez, precisavam se desdobrar, para desempenhar sozinhos, os papéis que deveriam ser designados a diversos membros de uma equipe jornalística. Montezuma, um dos jornalistas que foi entrevistado para a obra *Memórias de quem escreveu a história*, foi um dos primeiros jornalistas a reportar sobre a malária, doença que assolava boa parte da região Norte e afetava os jornalistas que cobriam as áreas atingidas (Fig. 1), principalmente na década de 1980.

Fig. 1 – Reportagem sobre malária, por Montezuma Cruz, no Jornal do Brasil (1985)



Fonte: Arquivo Digital (News, Google News, 2025).

Além da malária, a população rondoniense também enfrentou outros desafios que impactaram diretamente os cidadãos e, consequentemente, dificultaram o trabalho da imprensa. Dentre eles, destacamos: 1) disputas por terras e conflitos agrários

intensificados pelos programas de colonização e ocupação promovidos por entidades; 2) falta de infraestrutura básica, como energia elétrica, saneamento básico e estradas, que dificultavam a logística dos serviços em geral; e 3) pressão política sobre a imprensa durante e após o regime militar, limitando a liberdade de expressão e influenciando na cobertura e publicação de pautas cidadãs.

Em meio a esse cenário, os três jornalistas pioneiros Montezuma, Paulo e Sara vivenciaram esse período da história da imprensa na região Norte do Brasil, praticamente a partir dos anos 1980, e através de seus trabalhos contribuíram para a conscientização do processo de cidadania, publicaram denúncias, relataram o cotidiano da vida dos povos primitivos, enfim, mais do que informar tornaram-se testemunhas da história.

Montezuma Cruz é um jornalista paulista, com mais de 50 anos de carreira. Dono de um olhar crítico e de uma memória cativante, Montezuma chegou em Rondônia em 1976, trazendo na bagagem uma boa experiência profissional de atuação em grandes jornais locais e nacionais. O outro entrevistado, o jornalista rondoniense Paulo Ayres também conta com quase 50 anos de atuação profissional. Entre os veículos onde o jornalista trabalhou destacamos: Estado de Rondônia; Rádio Caiari; Rádio Alvorada, TV Rondônia, TV Candelária, Rádio Eldorado, e outras empresas de comunicação. Paulo Ayres sempre trabalhou em Rondônia tanto em empresas privadas quanto em órgãos públicos tendo sido o criador e implantador da TV Ale, canal de televisão da Assembleia Legislativa de Rondônia, e presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Rondônia – SINJOR (1995 a 1996). A paranaense Sara Duque Estrada também foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Rondônia – SINJOR (2018 a 2020). Sara mudou-se para Rondônia em 1982, como jornalista trabalhou em emissoras de rádio, TV, jornais, assessorias de comunicação, e também como professora de nível superior na área da comunicação.

Sara, Paulo e Montezuma acompanharam a evolução e implantação das novas ferramentas tecnológicas para a comunicação das matrizes da linguagem e do pensamento: verbal, visual e sonora (Santaella, 2001) que formam a linguagem híbrida multimídia na contemporaneidade. Com os avanços tecnológicos, surgiram novas formas de produzir e consumir conteúdo jornalístico. Atualmente, o jornalismo rondoniense ocupa o ciberespaço através de páginas em redes sociais e portais de notícias, por exemplo, a) Rondoniagora; b) Rondoniaovivo; c) Gente de Opinião; d) Rondônia

Dinâmica; e) News Rondônia; e f) Tudo Rondônia. Essas plataformas midiáticas ampliam o alcance da informação e diversificam os formatos de conteúdo através da produção multimídia integrada pela internet. Nossa pesquisa acadêmica tanto para a escrita do livro-reportagem quanto para este artigo busca preencher uma lacuna na documentação da imprensa de Rondônia, bem como preserva a memória experiencial dos profissionais de comunicação que contribuem para a história do jornalismo rondoniense.

Pesquisar é revisar, entrevistar e interpretar

A coleta dos dados para a escrita do livro-reportagem utilizou os métodos: 1) “revisão de literatura” (Brizola e Fantin, 2016), 2) “entrevista compreensiva” semiestruturada presencial (Lima, 1993), e 3) “entrevista online” semiestruturada virtual (Paiva et al., 2011). O método da “revisão de literatura” (Brizola e Fantin, 2016) consiste numa leitura e análise de textos de autores distintos sobre um determinado tema. A leitura, catalogação e documentação do que já foi escrito anteriormente sobre o tema auxilia o pesquisador a ter uma ampla visão do objeto de pesquisa. Esta ferramenta foi aplicada para catalogar e registrar detalhes importantes da carreira de Montezuma Cruz, pois o jornalista forneceu o livro de sua autoria *Do jeito que vi* (2014). Mais do que apenas analisar o conteúdo factual, a revisão de literatura auxilia no processo de compreensão das práticas e dos contextos históricos do fenômeno estudado. Os documentos analisados possibilitam a contextualização das informações obtidas nas entrevistas sobre eventos passados, estruturas organizacionais da imprensa em Rondônia e as experiências individuais. A “entrevista compreensiva” é um encontro que promove “o crescimento do contato humano entre o entrevistador e o entrevistado, que só acontece por que não há pauta fechada castrando a criatividade”. (Lima, 1993, p. 85). Esse modelo de entrevista permite que as fontes (no caso os três jornalistas entrevistados) expressem suas visões e experiências com uma liberdade que não poderia ser explorada na entrevista jornalística tradicional (estruturada). Também foi utilizado o método da “entrevista online” porque o entrevistado Paulo Ayres estava impossibilitado de comparecer pessoalmente. O método de “entrevista online” foi bastante utilizado pelos jornalistas durante a pandemia do coronavírus, momento em que, em todo o mundo, as pessoas foram obrigadas a manter o distanciamento social como medida preventiva de saúde. Para Paiva et al. (2011, p. 8) “a entrevista online soma-se às possibilidades dos métodos científicos para recolha de informações, propiciando a diversidade de meios para realização dessa recolha”. Com

isso, reforça-se a legitimidade no campo acadêmico desta metodologia, destacando sua adequação a espaços que exigem flexibilidade e acessibilidade geográfica ampliada.

Jornalismo que narra a memória, recupera a história

Como o próprio nome diz: *Memórias de quem escreveu a história* é um livro-reportagem que narra as memórias armazenadas nas mentes e nos corações de três jornalistas Sara, Paulo e Montezuma, porque “a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns” (Bosi, 2003, p. 11). A recuperação da memória é um dos principais alicerces da identidade de um povo, porque possibilita a conexão com o passado, contextualizando o presente e ampliando nossa perspectiva sobre o futuro. É o melhor espaço comunicacional para comunicar importantes memórias é o livro-reportagem porque “é o veículo de comunicação impressa não-periódico, que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. (Lima, 1993, p. 29). Mais do que uma obra literária um livro-reportagem que narra a história da mídia é um documento que preserva o patrimônio cultural imaterial de uma nação, como observado por Cunha (2020, p. 148): “quando o jornalista ou pesquisador acadêmico socializa suas ideias e seus sentimentos, de maneira inteligente, no sentido de buscar uma resposta cultural que resulte em benefício dos outros, esse ato epistêmico contribui para a melhora da vida em sociedade”.

Memórias de quem escreveu a história é um livro-reportagem sobre a história do jornalismo de Rondônia que mescla três características observadas por Lima (1993): a) perfil – ao revelar aos leitores o lado humano dos jornalistas entrevistados; b) biografia – ao oferecer narrativas que recuperam experiências do passado; e c) retrato – ao destacar as complexidades sociais, econômicas e culturais do espaço geográfico rondoniense. A linguagem utilizada para a escrita do livro-reportagem segue a estratégica dinâmica do jornalismo literário por “ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania [...] e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos”. (Pena, 2007, p. 49).

Sara, Paulo e Montezuma foram escolhidos porque são verdadeiros representantes dos experientes jornalistas de Rondônia e, principalmente, pela contribuição intelectual que cada um oferece para a história da mídia brasileira.

Descrição do livro-reportagem

Sara representa a figura feminina no jornalismo, com trajetória marcada pela resistência e engajamento em prol dos profissionais da área especialmente no estado de Rondônia. Paulo representa a versatilidade do jornalista, atuando em diversos veículos de comunicação. Montezuma, por sua vez, se destaca por ser testemunha de diversas transformações no ex-território e atual estado de Rondônia, consolidando um jornalismo forte na região. Todos eles construíram suas carreiras em veículos de referência em Rondônia, ajudaram a formar a opinião pública e registraram grandes marcos sociais e políticos. Ainda hoje, inspiram as novas gerações de comunicadores e são vistos como símbolos do jornalismo rondoniense.

O agendamento das entrevistas ocorreu conforme a disponibilidade de tempo de cada um, na seguinte sequência: 1) A primeira entrevista foi realizada com Sara na residência dela em um bairro de Porto Velho, capital de Rondônia, no dia 29 de janeiro de 2025. O diálogo durou mais de quatro horas, de maneira informal e natural. Sara contribuiu com fotos, certificados e documentos pessoais; 2) A segunda entrevista foi com Paulo Ayres, no dia 15 de fevereiro de 2025, pelo aplicativo *WhatsApp*, porque o jornalista estava impossibilitado de comparecer pessoalmente. Muitos dados biográficos foram revisados a partir do blog *Instituto Cultural de Rondônia* escrito por Paulo Ayres; 3) A terceira entrevista foi com Montezuma Cruz, na modalidade presencial, no dia 26 de fevereiro de 2025. O jornalista contribuiu significativamente para a escrita do livro-reportagem oferecendo, - além de detalhes históricos sobre sua vida profissional, - três livros que, após a leitura crítica e revisional, revelaram dados importantes sobre o jornalismo rondoniense. São eles: *Rondônia em imagens: Kim-Ir-Sem* (Leal, 2024), *Território Dourado* (Cruz, 2024), *Do jeito que vi* (Cruz, 2014). Após a transcrição das três entrevistas, com auxílio da ferramenta *Pinpoint* do Google iniciou-se o processo de escrita do livro-reportagem através do *Google Docs*, com acompanhamento e revisão da docente orientadora. As entrevistas são apresentadas no livro-reportagem na mesma ordem em que foram realizadas.

O primeiro capítulo é dedicado a acompanhar a trajetória de Sara Duque Estrada desde sua infância e juventude no Paraná, quando despertou o interesse pelo jornalismo, até sua atuação como jornalista em Rondônia. A narrativa percorre sua chegada ao estado, a passagem por diferentes veículos e áreas da comunicação, a atuação como professora

universitária e liderança sindical, revelando os desafios e conquistas de uma mulher pioneira na imprensa rondoniense.

O segundo capítulo apresenta a carreira jornalística e a atuação pública de Paulo Ayres, destacando a atuação em diferentes veículos de comunicação e o compromisso com a informação e o envolvimento com causas sociais e institucionais em Rondônia.

O terceiro e último capítulo é dedicado a narrar a experiência jornalística de Montezuma Cruz ao longo dos seus mais de 50 anos de carreira registrando e narrando importantes momentos da história de Rondônia. Da infância no interior paulista aos grandes veículos nacionais, a narrativa explora as memórias do jornalista sobre coberturas marcantes, e bastidores do jornalismo.

O tamanho utilizado para a formatação do livro-reportagem foi 23 x 16 cm, considerado o predominante por diversas editoras brasileiras (Oliveira, 2018). A proposta de ilustração para a capa foi concebida para refletir o resgate histórico das narrativas dos jornalistas pioneiros rondonienses.

Fig. 2 - Capa do livro-reportagem *Memórias de quem escreveu a história*



Fonte: Autores (2025).

Para compor a ilustração de fundo na capa (Ver Fig. 2) foi escolhida uma tonalidade de bege que remete a cor do papel jornal envelhecido pelo tempo e busca resgatar a época dos jornais impressos através de uma colagem de recortes de páginas jornalísticas. A seguir visualiza-se o mapa do estado de Rondônia valorizando a identidade regional e representativo da área geográfica em que as narrativas ocorreram e a memória é recuperada. Em destaque na parte central temos as silhuetas dos três jornalistas protagonistas, feitas a partir de fotos cedidas pelos próprios entrevistados. A silhueta de Sara está ao centro e merece ser valorizada por se tratar de uma mulher que, com muita resiliência, venceu os preconceitos pelo seu gênero e os desafios da profissão. Paulo aparece à esquerda e Montezuma está à direita com seu caderno de anotações – símbolo de seu fazer jornalismo.

Considerações Finais

O livro-reportagem como um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) contribui para destacar o jornalismo como um serviço para o cidadão, principalmente pela memórias narradas pelos três jornalistas durante o regime militar no Brasil, na década de 1980.

Sara Estrada compartilha memórias da infância, fala da descoberta de sua vocação para o jornalismo e da atuação como presidente do SINJOR (2018 a 2020), período importante para a história da formação superior em Jornalismo em Rondônia, pois foi Sara quem se empenhou na missão de conseguir a mudança da sede do curso que estava em Vilhena, com baixa demanda; para a cidade de Porto Velho, capital do estado.

Paulo Ayres revela momentos difíceis de sua infância, em condições de privação, até seu despertar para o jornalismo. Destacam-se: a carreira no rádio, a liderança no SINJOR (1995 a 1996) e a criação do seu vocabulário "rondoniês".

Montezuma Cruz é um explorador do cotidiano do mundo da vida há mais de 50 anos, sempre inspirando as novas gerações ao comunicar detalhes dos bastidores do jornalismo em textos jornalísticos e livros.

Sara, Paulo e Montezuma a partir de Rondônia transformaram e seguem transformando o cenário jornalístico da região Norte do Brasil, que também conta com os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima e Tocantins. Com coragem, resiliência e um compromisso inabalável com a verdade, eles lançaram as bases para o

jornalismo regional, muitas vezes trabalhando em circunstâncias desafiadoras para garantir que as vozes locais fossem ouvidas. Suas histórias destacam o poder da imprensa não apenas como veículo de informação, mas também como ferramenta de preservação cultural e transformação social. Ao registrar suas contribuições, o livro-reportagem não apenas honra esse importante legado, mas também nos lembra da importância duradoura do jornalismo ético e independente para o fortalecimento da democracia e da identidade regional.

De uma maneira geral consideramos que, as narrativas desses três jornalistas experientes refletem sobre a importância da escuta ativa, da credibilidade, da ética profissional, e do impacto da tecnologia na era digital ressaltando o valor da essência humana na comunicação para que o jornalismo verdadeiro continue a existir. A obra celebra a resiliência e o compromisso desses pioneiros com a verdade e a sociedade, compartilhando importantes lições para as futuras gerações de comunicadores.

Transformar o conhecimento adquirido, - durante os quatro anos de formação no curso de Jornalismo em uma universidade federal da região Norte do Brasil, - em um livro-reportagem acadêmico que narra a história do jornalismo rondoniense, a partir das experiências vivenciadas por três jornalistas experientes que seguem contribuindo para o sucesso da comunicação brasileira, é um exercício jornalístico prático e enriquecedor em todos os sentidos, acadêmico e profissional, tanto para o docente que compartilha o conhecimento e orienta a pesquisa quanto para o discente que desenvolve, organiza e aplica o diálogo social e a leitura interpretativa do processo jornalístico.

Referências

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Lei Complementar nº 41. Cria o Estado de Rondônia**. Brasília: Presidência da República, 1981. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp41.htm Acesso em: 10 maio 2025.

BRIZOLA, J., FANTIN, N. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos (RELVA)**, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 18 jun. 2025.

COLFERAI, Sandro. Cenário de comunicação social em Rondônia: notas sobre o controle dos meios e atrelamentos políticos. **Anais IX Intercom Norte**, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0086-1.pdf> Acesso em: 10 maio 2025.

CRUZ, Montezuma. **Território Dourado**. Porto Velho: Gráfica Imediata, 2024.

_____. **Do jeito que vi**. Brasília: Anexo Soluções Integradas, 2014.

CUNHA, Sonia R. S. **A série jornalística televisual**: do código verbal ao digital e do genético ao cultural. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2020.

INSTITUTO Cultural de Rondônia. Disponível em: institutoculturalderondonia.blogspot.com
Acesso em: 22 fev. 2025.

LEAL, Kim-Ir-Sen Pires. **Rondônia em imagens: Kim-Ir-Sen**. Goiânia: Ed. dos Autores, 2024.

LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

NEWS, Google. Jornal do Brasil. **Google News**, Newspapers, Jornal do Brasil, edição de 22/11/1985. Disponível em:
https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19851203&b_mode=2&hl=pt-BR
Acesso em 2 maio 2025.

OLIVEIRA, Israel D. **Livro-reportagem em revista**. São Paulo: Livro-reportagem, 2018.

PAIVA, Ana et al. Os métodos interpretativos e a entrevista online na investigação qualitativa. **Sem@research**, p. 1-13, 2011. Disponível em: https://edineidepaes.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/09/paper_metodosinterpretativosentrevistaonline_final.pdf. Acesso em: 23 jun. 2025.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Contracampo** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação UFF, n. 17, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241/10879> Acesso em: 10 maio 2025.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da Linguagem e do Pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: Fapesp, Iluminuras, 2001.